

CENTRO UNIVERSITÁRIO DO RIO GRANDE DO NORTE (UNI-RN)
CURSO SUPERIOR EM PSICOLOGIA NOTURNO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II
PROF. DRA. KARINA CARVALHO VERAS DE SOUZA

CLARA LUCI VALENÇA DE MEDEIROS
JOSÉ ROBERTO DE VASCONCELOS
RIVANNA CAROLINE GOMES DE LUCENA

O LUTO NO PROCESSO DE ENVELHECIMENTO

NATAL/RN

2024

RESUMO

A velhice, a morte e o processo de luto são fenômenos de difícil elaboração e precisam ser melhor compreendidos pela sociedade contemporânea, pois o corpo em processo de envelhecimento mobiliza medos e angústias primitivas associadas à finitude, impotência e à dependência do outro. Envelhecer é um processo no qual o sujeito se depara com o pavor diante das muitas perdas, sejam elas reais ou simbólicas, e a escassez de novas perspectivas de conquista. O presente trabalho propõe analisar e discutir, pelo viés da psicanálise, de que forma se dá a elaboração do processo de luto e das perdas do sujeito em processo de envelhecimento, principalmente quando este se vê marcado pelos sinais da velhice. Trata-se de uma revisão bibliográfica de artigos a partir de seleções de materiais acadêmicos. O estudo foi qualitativo, de natureza básica e com objetivo explicativo, sendo escolhidos três livros e seis artigos para serem analisados. Goldfarb (1998) afirma que o tempo do envelhecimento está associado à consciência da finitude, que se constrói através de várias experiências que nos aproximam da morte, mas que, na velhice, se manifesta de forma inevitável e evidente. As vivências de prazer e as interações entre o próprio corpo e o corpo do outro imprimem marcas indelévels na memória, delineando a narrativa singular de cada corpo ao longo do tempo (Chérix, 2015). À medida que envelhecemos perdemos mais pessoas e diferentes laços sociais, exigindo mais trabalho de luto e mais inscrições simbólicas (Mucida, 2022).

Palavras-chave: Envelhecimento; imagem; luto.

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo, sobre como as perdas atravessam o sujeito no processo de envelhecimento, suscitou interesse após leituras de artigos, livros e trabalhos acadêmicos sobre o tema. A temática surgiu a partir das reflexões de que a velhice, a morte e o processo de luto são fenômenos de difícil elaboração que necessitam de discussão, a fim de serem melhor compreendidos pela sociedade contemporânea.

Em “Luto e Melancolia”, Freud (1915[1917]/2010) caracteriza o luto por um estado de ânimo profundamente doloroso, perda de interesse pelo mundo externo, incapacidade de escolha de um novo objeto de amor e o desligamento de atividades que não tenham relação à memória de quem morreu. É uma resposta à perda de um ente amado ou de uma abstração, como um ideal, a pátria ou a liberdade, que ocupe o lugar desta.

Dunker (2023), em “Lutos Finitos e Infinitos”, caracteriza o luto como uma trajetória que possibilita a transformação do Eu, em direção à produção de um afeto normal e uma nova identificação do Eu. “O estado de ânimo do luto é doloroso [...], triste ou angustiante, provoca afetos como medo, vergonha ou culpa e se manifesta em sentimentos de estranheza, solidão ou rebaixamento de interesse” (Dunker, 2023, p. 39). Assim, o autor aponta que “Como libertação do ‘trabalho’ de luto, o Eu experimenta a alegria e uma renovação da aposta da vida. O trajeto do luto é uma história que tem fim, mas o fim do luto é sua junção com lutos passados e lutos vindouros, inclusive de si mesmo.” (2023, p.153)

Ângela Mucida (2022) em sua obra “O sujeito não envelhece”, traz que as perdas decorrentes da velhice impõem um trabalho de luto, já que muitas redefinições e ideias que o sujeito teceu para o enfrentamento do real desabam. Nesse sentido: “Perdemos mais pessoas à medida que envelhecemos, bem como diferentes laços sociais, exigindo mais trabalho de luto, mais inscrições simbólicas” (Mucida, 2022, pág. 56).

A imagem que se vê refletida no espelho, agora marcada pelos sinais da velhice, relaciona-se por meio dos laços tecidos ao longo do tempo, os projetos de

vida, e pela forma como se conduz às perdas e mudanças. Dessa forma, os traços inscritos sobre a memória e o corpo não se encerram (Mucida, 2009).

Feitas essas primeiras considerações, o presente trabalho leva à seguinte questão-problema: como se dá a elaboração das perdas do sujeito em processo de envelhecimento? Para responder a esta questão, o objetivo proposto será descrever o processo de elaboração do luto, segundo a psicanálise, para sujeitos em processo de envelhecimento.

A metodologia utilizada para embasar a pesquisa se dará por meio de caráter qualitativo, de natureza básica e com objetivo explicativo, já que este tem como propósito apontar fatores que irão determinar ou contribuir para a ocorrência do fenômeno do luto no processo de envelhecimento.

A pesquisa é elaborada a partir de uma revisão bibliográfica, considerando as fundamentações teóricas de autores com obras publicadas em livros e artigos científicos, partindo dos pressupostos psicanalíticos que se dedicam a explorar a questão da perda narcísica e a relação entre a imagem do corpo marcado pelo tempo e o inconsciente considerado atemporal. Portanto, são apresentadas as valências de Sigmund Freud, fundador e autor clássico da psicanálise, bem como de autores contemporâneos embasados na ciência psicanalítica como Ângela Mucida, Délia Goldfarb e Christian Dunker.

A partir de seleções de materiais acadêmicos nas bases de dados do Google Acadêmico, foram adotados como descritores: “psicanálise”, “envelhecimento”, “imagem” e “luto”. Dos resultados da busca foram selecionados 06 (seis) artigos, que cumpriram o propósito, a partir dos descritores, de responder à questão-problema levantada. Excluíram-se os artigos publicados em línguas estrangeiras, bem como aqueles que se referiam à infância, à adolescência, ao envelhecimento feminino e à sexualidade no envelhecimento.

Por meio de uma revisão integrativa de literatura, os resultados obtidos em pesquisa, serão unificados de maneira sistemática, abrangente e ordenada, a fim de construir um corpo de conhecimento teórico e conciso sobre o tema em questão.

O instrumento utilizado será o de Análise de Conteúdo, no qual serão criadas categorias de análise para o material textual, permitindo uma compreensão robusta do fenômeno do envelhecimento à luz da psicanálise.

Discorrer sobre a velhice e o envelhecimento implica reconhecer que estes não são estados fixos, e sim processos contínuos e inacabados de subjetivação,

pois “na maior parte do tempo não existe um “ser velho”, mas um “ser envelhecendo”. Com isso, a velhice requer uma reorganização dos recursos disponíveis, assim como acontece em outras circunstâncias na qual a passagem do tempo institui ao sujeito. O tempo do envelhecimento está associado à consciência da finitude, que se constrói por meio de várias experiências que nos aproximam da morte, mas que, na velhice, se manifesta de forma inevitável e evidente diante de um contexto de perdas (Goldfarb, 1998).

O medo da finitude e da morte é bem descrito por Freud (1917/2000) como sendo um dos maiores medos do ser humano ver o próprio corpo definhando carregando sofrimento e infelicidade (Vilhena; Novaes; Rosa, 2014).

Para Mucida (2022), embora haja um corpo que parece ao envelhecimento e uma pessoa tornando-se idosa, não há uma velhice que ocorra de forma natural, pois cada sujeito envelhece de seu próprio modo.

Messy (1992) ratifica a premissa defendendo que não se deve limitar o envelhecimento à velhice, pois envelhecer é um processo que se inicia com o nascimento e desenvolvendo-se até a destruição do sujeito, dessa forma, se constituindo em um processo irreversível.

Estar em processo de envelhecimento, segundo Goldfarb (1998) diz sobre ser “afetado pela representação de um corpo que se deteriora e pela consciência da finitude”, visto que há uma inconciliabilidade entre a imagem refletida no espelho e a imagem inconsciente do corpo.

O corpo em processo de envelhecimento mobiliza medos e angústias primitivas associadas à finitude, impotência e à dependência do outro. O sujeito se percebe em processo de envelhecimento quando vivencia uma experiência marcante que indica a perda da funcionalidade do corpo (Goldfarb, 1997; *apud* Chérix, 2015). O idoso deve buscar recursos que o ajude a superar o pavor diante da perda de funcionalidade e consequente falta de autonomia para agir no mundo, além de confrontar o preconceito associado à sua nova condição social e lidar com perdas reais e simbólicas (Chérix, 2015).

A infalibilidade da finitude na velhice ganha outra proporção em razão aos conflitos gerados pela angústia em aceitar a certeza de morte para todos e a ausência de eternidade. As muitas perdas, sejam elas reais ou simbólicas, e a escassez de novas perspectivas de conquista, exige do sujeito uma postura de resignação e adaptação (Feitosa, L. et al.).

A respeito do encontro inevitável com o finito e as perdas inerentes da velhice, Mucida (2022) discorre:

Morte e luto, fracasso e perda fazem parte da estrutura da vida e, portanto, acompanham o sujeito. Por paradoxal que seja, porque há morte é que sabemos da vida; é porque há perda que buscamos os objetos; é porque algo falha, não se inscreve, que tentamos escrever; é porque o gozo é barrado que podemos gozar. É pelo desamparo que a vida transita. (p.145)

O desencontro causado por um inconsciente atemporal e o corpo temporal; ou pela alma que não conhece a passagem do tempo e o corpo que envelhece, é denominado de envelhescência (Berlinck, 2000; *apud* Vilhena; Novaes; Rosa, 2014).

Esse encontro-desencontro constitui uma discrepância com efeitos traumáticos cuja complexidade situa-se no arranjo entre o corpo, a subjetividade e o social, justamente na interseção desses campos, aprisionando o sujeito por seu corpo, sua estrutura psíquica e por seu lugar no social que é assimilado e atuado pelo velho. Essa crise traumática exige trabalho psíquico: a envelhescência (p.256).

Conforme Mucida (2022), vive-se atualmente imerso em uma cultura que se baseia no imperativo do novo, comercializando-o de diversas maneiras. Dessa forma, a velhice surge como um contraste ao ideal de perfeição associado à juventude, emergindo como uma das manifestações do mal-estar da cultura. A imagem da velhice é permeada de perdas, sem perspectiva de novas aquisições e desvalorizada culturalmente. Para a autora, a velhice é produto do discurso de cada época, pois, “envelhecer em uma cultura permeada por diversas máscaras do novo, torna-se muitas vezes obsoleto, inscrevendo efeitos sobre os sujeitos” (p.188).

Goldfarb (1998) elucida o enfrentamento do luto diante da “perda da ilusão da própria potência”. Esta se apresenta como uma batalha, já que o luto a ser elaborado é o da própria vida. É um luto que opera por antecipação, de um objeto que, embora ainda conservado, é condenado. Na velhice, há de se defrontar com um processo contínuo e ininterrupto do trabalho de luto, já que nesta fase as perdas são numerosas, tornando o trabalho ainda mais difícil. Porém, o principal luto que deve ser elaborado na velhice é o da própria vida.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1. O velho do espelho não sou eu

Mucida (2022) revisita a questão do sujeito em processo de envelhecimento e a relação com a imagem que agora se apresenta diante de si. Diante dessa imagem insuportável que representa a perda da imagem ideal, seja do corpo ou do espaço que este ocupa na sociedade, há o desejo de destruí-la. A imagem ideal perdida não se limita apenas às mudanças físicas, como rugas, cabelos brancos e elasticidade da pele, dado que, segundo Freud e Lacan, essa imagem ideal está relacionada à formação do sujeito, afetando-o de maneira definitiva. (Mucida, 2010)

Nos defrontamos, desde o nascimento, com uma limitação na percepção de nossa própria imagem e, embora possamos obter através dos outros uma representação ideal de nós mesmos, um eu ideal, ainda “permanece uma miopia do olhar: não somos exatamente o que vemos. Isso marca irremediavelmente nossa relação com os espelhos da vida. [...]” (Mucida, 2009). Referenciado Goldfarb (2006), Mucida pontua que as mudanças observadas no corpo e no rosto, bem como as mudanças observadas no trato social, são sentidas como uma violência que o retiram de um lugar ao qual julgavam pertencer. Neste ponto, o sujeito, ao se deparar com a imagem de si refletida no espelho e no olhar do outro, se percebe em declínio físico, desvalorizado socialmente e próximo à morte. O olhar agora não é mais carregado de esperança.

O envelhecimento nos confronta com uma imagem estranhamente familiar. Aquele rosto tão conhecido, refletido no espelho, parece distante, quase um outro. A memória, por sua vez, insiste em evocar uma imagem idealizada de nós mesmos, criando um descompasso entre o que vemos e o que recordamos (Goldfarb, 1998).

A imagem consciente de si, ainda que íntima, não se assemelha em nada ao que está refletido no espelho. O tempo imprime marcas no rosto, cria um descompasso que faz alusão a um deslocamento da identidade. “Se o envelhecimento acompanha os anos, a velhice, por sua parte, trama-se nos espelhos” (Messy, 1992, p. 12).

As vivências de prazer e as interações entre o próprio corpo e o corpo do outro imprimem marcas indelévels na memória, delineando a narrativa singular de cada corpo ao longo do tempo. Para tanto, desenvolve-se uma imagem corporal

inconsciente com a qual o sujeito irá se reconhecer ao longo da vida, conservando uma mesma identidade, apesar das transformações que acontecem no corpo ao longo de seu desenvolvimento. Este corpo, tão familiar, agora assume uma qualidade de estranhamento e ameaça, alterando seu registro constitutivo (Chérix, 2015).

Estar em processo de envelhecimento, segundo Goldfarb (1998 *apud* Vilhena; Novaes; Rosa, 2014) diz sobre ser “afetado pela representação de um corpo que se deteriora e pela consciência da finitude”. Ainda sobre esse corpo, a autora discorre que “[...] a imagem do espelho não corresponde mais à imagem da memória; a imagem do espelho antecipa ou confirma a velhice, enquanto a imagem da memória quer ser uma imagem idealizada [...]”.

Falar sobre velhice implica em falar sobre tempo. Partindo da premissa que cada um envelhece a seu modo, temos, então, uma história marcada pela inscrição dos traços marcados no sujeito, mas também por sua reinscrição. “Há uma história que se escreve no diacrônico do tempo, e há algo que faz aí corte, permitindo reescrevê-la” (Mucida, 2022).

Assim, entende-se o passado sendo atualizado no presente. Essa concepção é apresentada no texto “O Inconsciente” (1915), no qual Freud anuncia que os processos que ocorrem no sistema inconsciente são caracterizados pela atemporalidade, isto é, não seguem uma ordem cronológica específica. “[...] não são alterados pela passagem do tempo, não têm relação nenhuma com o tempo”. A temporalidade, por outro lado, é associada ao trabalho do sistema consciente.

Dessa forma, embora tenhamos um sujeito do inconsciente que não envelhece, pois não reconhece o efeito da passagem de tempo, ainda há um real corpóreo que está passível ao tempo e envelhece. Este real do corpo, formado por uma imagem que causa assombro e estranheza ao sujeito, expande-se à medida que são vivenciadas diversas perdas, impondo o luto (Mucida, 2022).

O sujeito percebe seu envelhecimento pelo olhar do Outro, a partir da imagem que este devolve. Por mais que se defronte com mudanças e signos concretos de envelhecimento, esse processo não ocorre bruscamente, mas sim de forma lenta, silenciosa e imperceptível. A percepção da velhice se torna evidente no outro (Mucida, 2022).

Sem nos darmos conta, somos moldados pela imagem de outro por quem possuímos afetos, seja de qual ordem forem. Assim, este objeto, ou ente amado

não é percebido em sua totalidade, mas pela sua representação inconsciente, uma característica distintiva identificada pelo sujeito. Desse modo, estabelece-se uma relação narcísica entre o eu e o objeto, mediada pelas imagens assimiladas pelo ego nesta vinculação. “O ego é, pois, constituído de um depósito de imagens investidas”. O ego mantém uma relação com o tempo, da mesma forma que acontece com o processo de envelhecimento. A passagem do tempo se manifesta pela “estratificação das imagens que o constituem” (Messy, 1992, p. 13).

A velhice, por não oferecer perspectiva de novas aquisições, apenas de perdas (simbólicas ou reais), exige do sujeito um posicionamento de conformidade e adaptação. Esses fatores são potencializados pela vivência no real do encontro com a finitude, com o limite do tempo. Le Goués (2011) citado por Mucida (2022), afirma que tal limite é ignorado pela libido até o momento em que o fantasma da eternidade vivencia esse encontro. A convicção narcísica do eu nos impede de enxergar a morte como uma ameaça, como algo que pode nos acometer a qualquer momento.

Este corpo envelhecido, agora limitado fisicamente e com marcas de perdas reais e simbólicas, levam os idosos a “experimentam um aumento da necessidade de bem-estar, o que pode ser observado através da recorrência de manifestações narcísicas” (Goldfarb, 1998).

2.2. Luto: um trabalho singular

A dicotomia existente entre um corpo finito e o inconsciente que não reconhece a passagem de tempo coloca o sujeito diante de uma “nova prova de realidade da velhice, no qual o futuro se torna triste e a falta começa verdadeiramente a faltar. Nesse sentido, a velhice imporia ao eu uma nova prova de realidade” (Mucida, 2022, p.35).

O trabalho de luto, segundo Mucida, em seu artigo Identificação e envelhecimento: do espelho que não se quebra e outros espelhos (2010), é feito de maneira singular, devendo o sujeito saber utilizar-se dos recursos para conduzir as mudanças necessárias.

Não há uma regra de ouro que valha para todos para conduzir seu envelhecimento/velhice que são sempre próprios. Cada um só pode fazê-lo com seus recursos e, nessa direção, há que saber utilizar-se dos recursos, saber reconhecê-los e investi-los em outros lugares, isto tudo implica o trabalho de luto.

Freud (1917/2010) entende que o luto precisa de um tempo para ser elaborado e para que se possa investir a libido em outros projetos. Assim, o trabalho de luto permite novas substituições, abrindo novamente as vias do desejo, no qual é necessário inventar novos modelos “para que a vida prossiga sua escrita, pois o sujeito jamais se aposenta” (Mucida, 2010). Neste sentido, Goldfard (1998) conclui que “o Eu, antes de qualquer coisa, exige continuidade”. Já Dunker (2019), em Teoria do Luto em Psicanálise, ao examinar a teoria freudiana do luto, contida em Luto e Melancolia, sintetiza que podemos isolar o luto como um processo que tem um início e um deslace ligado à integração do objeto perdido no Eu.

Mucida (2022) pontua necessário e primordial que o luto seja concluído, mesmo que a lamentação faça parte dele, tendo em vista que o sujeito passa por diferentes perdas em diferentes momentos da vida, não existindo velhice sem luto. Caso haja fuga do luto, o movimento da vida é impedido. “Luto e vida andam juntos, não é possível andar na vida sem passar pelo luto e a fuga dele acaba por impedir o movimento da vida” (p.146 e 147).

Ora, “muitos dos projetos futuros tornam-se inviáveis a partir de uma determinada idade, e o luto do que poderia ter sido ou do que se foi tem de ser realizado, impondo novas respostas ao sujeito” (Mucida, 2022). Concluindo que, “de toda forma, se os desinvestimentos libidinais tomam uma forma muito marcante na relação do sujeito com o mundo externo, a velhice tomaria a forma de morte real ou psíquica” (p. 30).

A morte real e psíquica toma a forma quando persiste o predomínio dos desinvestimentos, em que há autodestruição, gerando inúmeros sintomas. A eles se relacionam os lutos não elaborados e as dificuldades de convivência com as diversas perdas, “sobretudo com a imagem modificada pelo tempo que, muitas vezes, se odeia” (p. 34).

Os rearranjos tecidos pelo sujeito para enfrentar o real desmoronam e com eles muitos ideais, isto exige sempre um trabalho de luto pelas perdas advindas do envelhecimento/velhice. Entretanto, o desfecho do luto nem sempre será suficiente para gerar novos rearranjos, ideais ou investimentos libidinais; outros sintomas podem surgir como uma tentativa de lidar com real.

A depressão é uma resposta possível ao trabalho inoperante do luto, mas não a única, e que deve ser tomada sempre como particular. A cultura, promovendo, muitas vezes, uma morte social para o idoso, provocará o

encontro com outra morte, bem mais cruel que a morte real, da qual nada sabemos (p. 155).

O tempo e a finitude da vida, na velhice, “assumem um peso maior devido aos conflitos causados pela angústia de aceitar que a eternidade não existe e que a morte é uma certeza para todos”. Assim, “o Eu entra em tensão com a ameaça da morte, até então ignorada, e o sofrimento se faz presente” (Feitosa, L. et al.).

Possuir uma clara consciência da própria finitude, trabalhar em projetos possíveis dentro de suas limitações e expectativa de vida, incluindo as possibilidades de vínculos, são atributos observados em velhos saudáveis (Goldfarb, 1998).

Estar vinculado afetivamente é imprescindível para a pessoa idosa, visto que, dessa forma, o aparelho psíquico se mantém em atividade, conservando uma juventude psíquica. Para tal, é necessário que o ego cumpra sua capacidade de investimento em objetos externos, variando-os com o passar do tempo. Para a elaboração bem sucedida de um luto, faz-se necessário o sujeito desvincular sua libido direcionada a um objeto e direcioná-la a outro. (Altman, 2011).

A capacidade de vincular e realizar investimentos é influenciada pela estrutura psíquica de cada sujeito. A idade se torna mais uma variável a ser considerada em meio a fatores externos como oportunidades, cultura e condições sociais e históricas. Além das dificuldades que podem aflorar a perspectiva da morte e finitude, é imprescindível questionar sobre a estrutura e o processo de subjetivação que lidam com o luto pela perda da vida (Goldfarb, 1998).

Reencontrar novos caminhos para o desejo, trabalhando e simbolizando a perda, demanda tempo e está imbuído de certo pesar. É através desse processo que os objetos de amor podem ser desinvestidos, permitindo ao sujeito a busca por novos substitutos. O processo de luto não se trata somente de encontrar um novo objeto, mas de elaborar as fantasias inconscientes e conscientes que são impulsionadas diante a perda (Campos, 2013).

3. CONCLUSÃO

Embora envelhecer seja um processo inerente à condição humana, a velhice é uma construção subjetiva, pois cada sujeito envelhece a seu modo. A velhice requer reorganização, ressignificação e elaboração das inúmeras perdas atravessadas ao longo dos anos. As mudanças experimentadas pelo sujeito diante da passagem de tempo, estendem-se não apenas às mudanças físicas, mas também aquelas sentidas pelo corpo social, atingindo-o de forma intensa e brusca.

Em um cenário de mudanças e reestruturações, soma-se ainda o engodo sentido ao se deparar com uma imagem, que embora familiar, é estranha. Imagem essa devolvida pelo Outro com indícios de desvalorização e decadência, não mais com esperança, fato que traz angústia, diante de todo o contexto de perdas advindas nesta etapa da vida.

O sujeito em processo de envelhecimento lida com suas perdas de maneira subjetiva, e a escassez de novas perspectivas de conquistas e aquisições faz com que haja a necessidade de uma postura de resignação e adaptação a sua atual condição de vida. É por meio do trabalho de luto que o sujeito em envelhecimento tece novas costuras no tecido da vida, permitindo novas relocalizações e restabelecendo novas vias de desejo.

Tendo em vista cada sujeito possuir uma estrutura psíquica própria, o luto do sujeito no processo de envelhecimento, deverá ser elaborado, a partir do investimento por ele efetuado, ressignificando e readaptando sua vida conforme a realidade a ele imposta. Caso o sujeito não faça rearranjos para enfrentar o luto, o movimento da vida é impedido, surgindo sintomas que o façam lidar com o real.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTMAN, Miriam. **O envelhecimento à luz da psicanálise**. *Jornal de Psicanálise*, v. 44, n. 80, p. 193–206, 2011.

Campos, É. B. V. **Considerações sobre a morte e o luto na psicanálise**. *Revista de Psicologia da UNESP*, 12(1), 13-24, 2013.

CHERIX, Kátia. **Corpo e envelhecimento**: uma perspectiva psicanalítica. *Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar*, Belo Horizonte, v. 18, n. 1, p. 39–51, 2015. DOI: 10.57167/Rev-SBPH.18.287. Disponível em: <https://revistasbph.emnuvens.com.br/revista/article/view/287>. Acesso em: 16 jul. 2024.

DUNKER, Christian. **Lutos Finitos e Infinitos**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

FEITOSA, L. et al. **Eu só deixo de existir quando eu morrer**: a relação entre corpo e tempo na velhice sob a ótica psicanalítica. [s.l.: s.n.]. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/editora/anais/cieh/2019/TRABALHO_EV125_MD1_SA3_ID1157_26052019210331.pdf>. Acesso em: 16 jul. 2024.

FREUD, Sigmund. **Luto e melancolia**. (M. Carone, trad.). São Paulo: Cosac Naify, 2011 (Trabalho original publicado em 1917).

GOLDFARB, D. C. (1998). **Corpo, tempo e envelhecimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo.

MESSY, Jack. **A pessoa idosa não existe**. São Paulo: Aleph, 1992.

MUCIDA, Ângela. **Escrita de uma memória que não se apaga**: Envelhecimento e Velhice. Rio de Janeiro: Autêntica, 2009.

_____. **Identificação e Envelhecimento**: Do espelho que não se quebra e outros espelhos. *Revista Kairós-Gerontologia*, [S. l.], v. 12, n. Especial 5, 2010. DOI: 10.23925/2176-901X.2009v12iEspecial5p%p. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/2666>. Acesso em: 16 jul. 2024.

_____. **O Sujeito Não Envelhece**: psicanálise e velhice. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

VILHENA, J. DE .; NOVAES, J. DE V.; ROSA, C. M. **A sombra de um corpo que se anuncia**: corpo, imagem e envelhecimento. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, v. 17, n. 2, p. 251–264, jun. 2014.